

Israel inicia sua recuperação

Jerusalém — As eleições do dia primeiro de novembro marcaram o final de quatro anos do governo da Unidade Nacional, mostrando uma agitada colaboração entre o Likud de Yitzhak Shamir e o Trabalhista de Shimon Perez.

Neste período, a economia israelense, para utilizar a imagem de analistas locais, pode ser comparada a um doente, que apesar de continuar mal, saiu do estado de coma e — com complicações — começo seu período de convalescência. Mas ainda corre riscos de sofrer recaídas.

Na campanha eleitoral, a difícil situação econômica foi abordada pelos líderes das maiores coalizões políticas e tanto Shamir quanto Perez têm razão.

Ao governo da Unidade Nacional podem ser creditados os seguintes êxitos: o drástico freio à inflação, que passou de 445 por cento para 15 por cento neste ano (um dígito considerado estabilizado, o que não é pouco) e a redução do gasto público que de 16 por cento do

Produto Interno Bruto passou agora para 2 por cento.

A estes resultados se juntaram uma redução da balança comercial de 2.200 a 2.100 bilhões de dólares e um forte aumento das reservas monetárias (de menos de 2 bilhões a mais de 4 bilhões).

Estes resultados foram alcançados graças a um plano de austeridade que adquire maior valor se for lembrado que a taxa de desemprego permaneceu estável (5,9 por cento).

O crescimento do Produto Nacional Bruto, que em 1984 registrou uma taxa de 2,4 por cento, se manteve em torno de valores médios (de 3,5 por cento nos dois anos posteriores e 5,2 por cento no ano passado, prevendo para 1988 uma queda em torno de 2 ou 3 por cento).

Segundo os especialistas locais, as causas seriam a incapacidade do governo de continuar as reformas radicais na estrutura econômica do país, e os efeitos que as revoltas palestinas nos territórios ocupa-

dos provocaram nestas reformas.

A este respeito, o ministro da Economia declarou recentemente que como consequência de 11 meses de "inflatação" foram registradas perdas no setor edilício na ordem de 75 milhões e de 200 milhões de dólares, na exportação de bens de consumo nos territórios ocupados e exportações, sem contar com o altíssimo aumento dos gastos militares.

O sucesso da luta contra a inflação foi conseguido há quatro anos mediante o congelamento de preços e salários e foi precedido de uma forte desvalorização do shekel, acompanhado de política monetária e ainda por um aumento das taxas.

O congelamento foi progressivamente abandonado há dois anos com a estabilização da inflação em 16 por cento ao ano. Mas a política monetária do congelamento das relações de câmbio levou no mesmo período, uma desvalorização do shekel de 40 por cento com relação ao dólar.